ISSN: 2358-8829

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO (PNLD 2026): ENTRE A PROPOSTA DA BNCC E A PRÁTICA METALINGUÍSTICA

Ana Emanoelly Da Silva [1]
Milena Kelly da Mata[2]
Fernanda Isabela Oliveira Freitas[3]

INTRODUÇÃO

A diversidade de formas de falar e escrever o português não constitui uma exceção ao funcionamento da língua: integra sua organização histórica, social e interacional. Apesar disso, práticas escolares ainda podem apresentar as variedades linguísticas a partir de um contraste simplificador com a norma-padrão, como se a descrição das diferenças bastasse para explicar seus usos e valores sociais. A escola, ao mesmo tempo que ensina convenções de escrita e amplia repertórios, precisa criar condições para que os estudantes compreendam a legitimidade das diferentes práticas linguísticas.

No Ensino Médio, o livro didático ocupa posição relevante na seleção de textos, conceitos e atividades. Sua abordagem da variação linguística permite observar que concepção de língua sustenta as propostas de aprendizagem: uma língua tomada principalmente como conjunto de regras a reconhecer ou uma prática social cujos recursos variam conforme interlocutores, objetivos, espaços de circulação e relações de poder. Essas perspectivas não são necessariamente excludentes, mas sua articulação precisa ser examinada.

Este artigo investiga como a variação linguística é abordada nos volumes 1 e 2 da coleção Identidade – Língua Portuguesa, vinculada ao PNLD 2026. Pergunta-se: em que medida as atividades selecionadas articulam descrição formal, compreensão dos usos reais e reflexão sobre os valores sociais atribuídos às variedades? O objetivo geral é analisar o tratamento didático da variação linguística em diálogo com a BNCC; especificamente, busca-se caracterizar os comandos, comparar propostas dos dois volumes e elaborar reformulações pedagógicas para ampliar a dimensão reflexiva quando pertinente.

O estudo não parte da premissa de que toda metalinguagem constitui um problema pedagógico. A questão investigada é o lugar ocupado pela classificação e pela aplicação de regras em atividades que se anunciam como estudo da diversidade linguística. Por isso,

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, emanoellys76@hmail.com;
[2]Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, milena.kmdt@gmail.com;
[3] Professora orientadora: Doutura, Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, professorafernandaiof@gmail.com

são considerados tanto exemplos de análise formal quanto propostas que abordam usos e preconceito linguístico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Variação linguística: língua, sociedade e ensino

A Sociolinguística parte do reconhecimento de que a heterogeneidade linguística é sistemática e pode ser descrita em relação a fatores internos e externos à língua. Nos estudos variacionistas, Labov (2008) evidencia que a alternância entre formas não corresponde a desordem, mas a padrões de uso relacionados a contextos e comunidades de fala. Assim, diferenças de pronúncia, concordância e escolha lexical podem constituir objetos de investigação, em vez de serem tratadas automaticamente como desvios.

No contexto brasileiro, Bortoni-Ricardo (2004) discute a necessidade de uma pedagogia sensível aos repertórios dos estudantes e às exigências comunicativas dos diferentes espaços sociais. Essa perspectiva não elimina o ensino da norma-padrão: desloca-o de um modelo de substituição da fala do aluno para uma ampliação consciente de recursos linguísticos. Bagno (1999), por sua vez, problematiza o preconceito linguístico produzido quando características de variedades socialmente menos prestigiadas são confundidas com incapacidade de seus falantes.

É importante distinguir norma-padrão, entendida como modelo de referência associado a convenções prescritas, e usos efetivos, que incluem diferentes normas e repertórios presentes nas práticas sociais. A variação pode ser observada no tempo (diacrônica), no espaço (diatópica), entre grupos sociais (diastrática), entre modalidades (diamésica) e em diferentes situações e graus de monitoramento. Essas classificações são úteis, desde que não reduzam a diversidade linguística a uma lista de rótulos.

No ensino, uma abordagem sociolinguística demanda perguntas que ultrapassem a identificação do fenômeno: quem utiliza determinada forma, em que situação, com que finalidade, sob quais avaliações sociais e com quais efeitos de sentido? A reflexão crítica também precisa evitar inferências estereotipadas: a pronúncia de uma pessoa, isoladamente, não autoriza conclusões seguras sobre sua escolaridade, profissão ou capacidade intelectual.

Metalinguagem, atividade metalinguística e reflexão sobre o uso

O trabalho com a língua pode mobilizar operações distintas. Em termos didáticos, atividades metalinguísticas explicitam categorias, conceitos e nomenclaturas empregados para descrever fenômenos; atividades epilinguísticas envolvem comparar, experimentar, reformular e avaliar recursos linguísticos em funcionamento. A distinção, discutida no campo do ensino de língua por Geraldi (1984) e Franchi (1987), não implica uma hierarquia automática entre tarefas.

Reconhecer apagamento de /r/, concordância ou colocação pronominal pode favorecer a observação de regularidades. O limite aparece quando a identificação encerra a investigação e deixa de considerar a situação comunicativa, os usos recorrentes e as avaliações sociais das formas. Em contrapartida, uma atividade que solicita ao estudante

explicar por que determinada construção soa pouco usual, comparar contextos e discutir preconceito linguístico mobiliza procedimentos descritivos a serviço de uma reflexão mais ampla.

Para este estudo, a categoria “predominantemente metalinguística” designa o comando cujo produto principal é identificar, nomear ou relacionar fenômenos previamente definidos; “mista” designa propostas que articulam descrição formal e comparação de usos; e “predominantemente reflexiva” refere-se a atividades que explicitamente mobilizam contextos, experiências dos falantes e avaliações sociais. Trata-se de categorias analíticas aplicadas aos comandos observados, e não de juízos sobre a qualidade integral dos capítulos.

BNCC, livro didático e análise linguística

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) situa a análise linguística e semiótica em articulação com práticas de leitura, escuta, produção e participação social. No Ensino Médio, a reflexão sobre a língua deve considerar condições de produção, circulação e recepção dos discursos, assim como a diversidade de repertórios e os efeitos sociais dos usos linguísticos. Desse modo, a BNCC oferece um horizonte para avaliar se o ensino da variação promove compreensão contextualizada, e não apenas reconhecimento de formas.

A correspondência entre uma atividade e a BNCC não pode ser definida somente pela presença da expressão “variação linguística”. É necessário observar o que o estudante efetivamente faz: identifica um fenômeno, compara variantes, investiga uma situação de uso, problematiza avaliações ou produz enunciados adequados a diferentes interlocutores. Também é preciso reconhecer que uma atividade isolada não representa, por si só, a totalidade do livro ou da prática docente.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e documental. O corpus é constituído pelos volumes 1 e 2 da coleção Identidade – Língua Portuguesa, utilizados como documentos pedagógicos para investigar o tratamento da variação linguística. O recorte apresentado neste artigo contempla três atividades do volume 1, situadas nas páginas 261, 262 e 263, e uma atividade do volume 2, situada na página 194. No volume 1, a página 261 é mobilizada como contraponto reflexivo, enquanto as páginas 262 e 263 recebem análise mais detida; no volume 2, examina-se a atividade referente à fala de Ataliba Castilho.

A seleção foi intencional e orientada pela presença de comandos relativos à oralidade, norma-padrão, variação e mudança linguística. O procedimento consistiu em: (a) registrar os comandos e a localização das atividades; (b) identificar a operação solicitada ao estudante; (c) verificar se o enunciado contextualiza o uso e aborda avaliações sociais; (d) comparar os resultados entre os volumes; e (e) propor reformulações para os comandos com menor exploração contextual. O material analisado corresponde às atividades fornecidas para esta pesquisa, não a um levantamento exaustivo de todas as ocorrências da temática nos dois volumes.

Para evitar generalizações, os resultados são apresentados como características do recorte documental. A presença de perguntas reflexivas em uma atividade não garante sua realização efetiva em sala, assim como um comando classificatório pode ser ampliado pela mediação do professor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

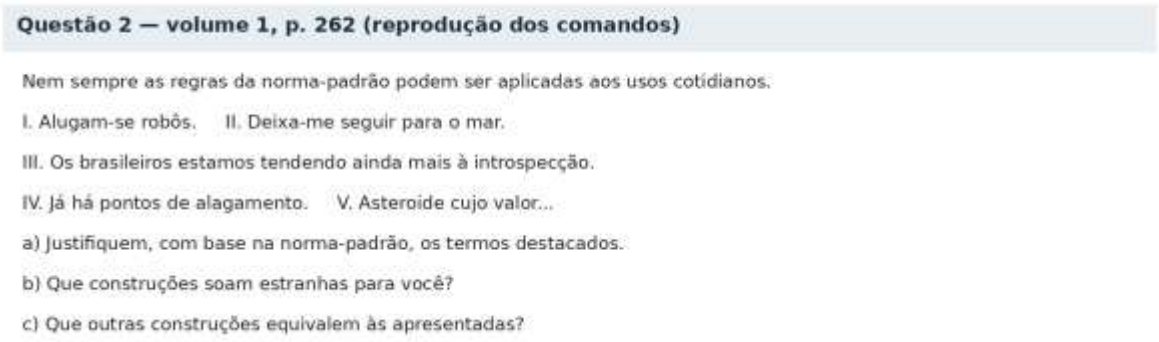
6.1 Volume 1: observação da fala e abertura à reflexão

Na página 261, a proposta de selecionar textos orais disponíveis na internet e analisar trechos transcritos mobiliza dados de fala real. O comando orienta os estudantes a observar hesitações, pausas, repetições, elementos de pronúncia e vocabulário, além da situação comunicativa e das características conhecidas dos falantes. Ao final, pergunta se compreender o contexto da fala ajuda a reduzir conclusões estereotipadas. Trata-se de atividade predominantemente reflexiva, pois a descrição linguística está articulada à compreensão social dos usos.

Essa proposta é relevante como contraponto: evidencia que o volume 1 não apresenta tratamento uniforme da variação. Ainda assim, a mediação docente deve evitar que os estudantes atribuam escolaridade ou profissão a alguém com base apenas em marcas de fala, reproduzindo estereótipos que a atividade procura enfrentar.

6.2 Volume 1, página 262: norma-padrão e construções cotidianas

A questão 2 da página 262 apresenta construções conformes à norma-padrão que podem soar pouco usuais em determinados contextos, entre elas “Alugam-se robôs”, “Deixa-me seguir para o mar” e “Os brasileiros estamos tendendo...”. A letra a solicita justificativas baseadas nas regras da norma-padrão; as letras b e c perguntam quais formas soam estranhas e que construções equivalentes poderiam ser empregadas.



Questão 2 — volume 1, p. 262 (reprodução dos comandos)

Nem sempre as regras da norma-padrão podem ser aplicadas aos usos cotidianos.

I. Alugam-se robôs. II. Deixa-me seguir para o mar.

III. Os brasileiros estamos tendendo ainda mais à introspecção.

IV. Já há pontos de alagamento. V. Asteroide cujo valor...

a) Justifiquem, com base na norma-padrão, os termos destacados.

b) Que construções soam estranhas para você?

c) Que outras construções equivalem às apresentadas?

Figura 1 — Questão 2, volume 1, p. 262 (reprodução textual dos enunciados).

Fonte: Identidade – Língua Portuguesa, v. 1, p. 262 (excerto transcrito do material fornecido).

A atividade possui caráter misto. A letra a privilegia explicações normativas, enquanto b e c introduzem a percepção dos estudantes e a comparação de alternativas. O enunciado reconhece uma diferença importante entre prescrição gramatical e frequência de uso, mas não exige explicitamente que os estudantes examinem contextos, graus de formalidade

ou avaliações sociais das variantes. A reformulação, portanto, não substitui o estudo das regras: acrescenta perguntas sobre o funcionamento social das construções.

6.3 Volume 1, página 263: descrição de fenômenos da oralidade

Na questão 1 da página 263, o livro apresenta um trecho de entrevista televisiva transcrita para evidenciar características da oralidade. A letra a pede a identificação de formas que se aproximam de pronúncias cotidianas; a letra b solicita relacionar essas formas a fenômenos previamente descritos, como apagamento do /r/ final, redução de -ndo em gerúndios, aglutinação e contração de segmentos. O uso de uma entrevista relativamente formal é produtivo, pois permite observar variação em situação de maior monitoramento. Entretanto, os comandos transcritos encerram-se na identificação e classificação dos processos.

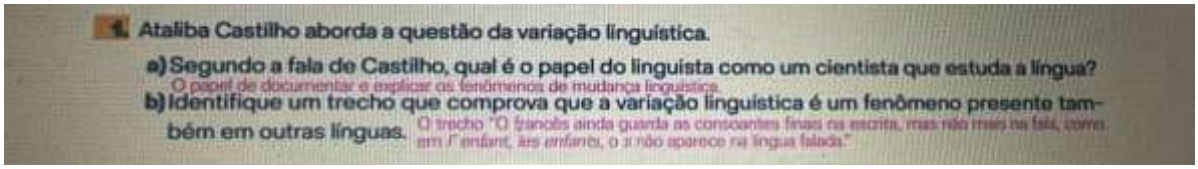


Figura 2 — Questão 1, volume 1, p. 263 (imagem fornecida pelas autoras).

A classificação é útil como instrumento de descrição, mas não responde a questões sobre distribuição social, contextos e atitudes linguísticas. Desse modo, essa atividade é a mais claramente metalinguística entre as selecionadas do volume 1, o que justifica uma proposta de ampliação sem suprimir a observação fonético-fonológica.

6.4 Volume 2, página 194: variação, mudança e preconceito linguístico

No volume 2, a atividade da página 194 toma como referência a fala do linguista Ataliba Castilho. A questão 1 aborda o papel do linguista e a presença de mudança em outras línguas; a questão 2 pede exemplos de mudanças no português brasileiro e pergunta se os estudantes já as perceberam. A questão 3 explora os juízos de valor ligados a diferentes formas de concordância e solicita explicar como a perspectiva do linguista se contrapõe ao preconceito linguístico.

Questões 1-3 — volume 2, p. 194 (síntese dos comandos)

1. Ataliba Castilho aborda a variação linguística.

a) Qual é o papel do linguista? b) Identifique mudança em outras línguas.

2. Quais mudanças no português brasileiro são citadas?

Você já percebeu alguma dessas mudanças? Em que situações?

3. Quais avaliações estão presentes na descrição da concordância?

Como a perspectiva do linguista se contrapõe ao preconceito linguístico?

Figura 3 — Atividades, volume 2, p. 194 (síntese visual dos enunciados).

Fonte: elaboração das autoras a partir dos comandos de Identidade – Língua Portuguesa, v. 2, p. 194.

Essa atividade combina reconhecimento de fenômenos e problematização de valores sociais. Ao discutir termos como “redundante” e “econômico”, a questão 3 desloca o foco

da identificação para a reflexão sobre os sentidos atribuídos às variantes. Trata-se de uma proposta predominantemente reflexiva no conjunto de seus comandos. Portanto, ela constitui um contraponto relevante à hipótese de predomínio absoluto da metalinguagem: o recorte revela diversidade de estratégias didáticas entre e dentro dos volumes.

6.5 Síntese comparativa

Localização	Foco principal	Leitura analítica
V. 1, p. 261	Análise de fala real	Predominantemente reflexiva
V. 1, p. 262, questão 2	Norma-padrão e alternativas	Mista
V. 1, p. 263, questão 1	Fenômenos fonético-fonológicos	Predominantemente metalinguística
V. 2, p. 194, questões 1–3	Mudança e preconceito linguístico	Predominantemente reflexiva

Quadro 1 — Síntese do recorte documental. Fonte: elaboração das autoras.

A comparação indica que a presença da metalinguagem não equivale, automaticamente, à ausência de reflexão sociolinguística. A questão da página 263, contudo, mostra como um fenômeno de variação pode ser abordado prioritariamente como objeto de classificação. Já a página 194 do volume 2 demonstra uma articulação mais explícita entre descrição, experiência dos estudantes e crítica ao preconceito. Os dados autorizam afirmar a coexistência dessas orientações no recorte, mas não permitem quantificar a predominância de uma delas em toda a coleção.

PROPOSTAS DE REFORMULAÇÃO DIDÁTICA

As reformulações a seguir constituem propostas das autoras, elaboradas a partir dos conteúdos das atividades originais. Seu objetivo não é desqualificar a descrição gramatical, mas conectá-la à investigação de usos, contextos e avaliações sociais.

7.1 Ampliação da questão 2, volume 1, página 262

Proposta A — Da regra ao contexto de uso
1. Compare “Alugam-se robôs” e “Aluga-se robôs”. Como a gramática normativa descreve essas construções? Que formas você encontra em anúncios e conversas reais? 2. Em quais situações seria mais provável encontrar “Deixa-me seguir” e “Me deixa seguir”? Considere gênero textual, interlocutores e grau de monitoramento. 3. Por que uma construção prevista na norma-padrão pode soar pouco habitual? Isso significa que seja inadequada em todos os contextos? 4. Pesquise exemplos reais de duas construções alternativas e explique como o contexto ajuda a compreender a escolha de cada uma.

A proposta conserva a observação de concordância e colocação pronominal, mas exige comparar ocorrências e justificar escolhas em situações concretas. Assim, a norma-padrão passa a ser um dos repertórios analisados, e não o único critério de compreensão do fenômeno.

7.2 Ampliação da questão 1, volume 1, página 263

Proposta B — A oralidade em diferentes situações
1. Identifique na entrevista dois fenômenos de pronúncia descritos pelo livro e explique como se realizam. 2. Por que características frequentes da fala cotidiana podem aparecer em uma entrevista televisiva? O grau de formalidade elimina a variação? 3. Compare a entrevista com outro registro oral autorizado, observando semelhanças e diferenças. Evite deduzir escolaridade ou capacidade intelectual a partir da pronúncia. 4. Que julgamentos sociais costumam ser feitos sobre pronúncias como o apagamento de /r/? Esses julgamentos são explicações científicas do fenômeno? Justifique. 5. Produza uma breve conclusão distinguindo convenções da escrita e regularidades da fala.

A reformulação preserva a identificação dos processos fonético-fonológicos, mas inclui comparação de situações, discussão sobre monitoramento e análise crítica de estereótipos. A descrição passa a fundamentar a interpretação sociolinguística.

7.3 Complementação da atividade do volume 2, página 194

Proposta C — Mudança linguística e avaliação social
Após discutir os exemplos de Ataliba Castilho, escolha uma variante observável em situações reais de comunicação. Registre dois contextos de uso e explique: (a) que regularidade linguística pode ser identificada; (b) que avaliações sociais são atribuídas à forma; e (c) por que descrever cientificamente um fenômeno não significa atribuir inferioridade a seus falantes.

Nesse caso, a atividade original já incorpora discussão crítica sobre preconceito linguístico. A complementação tem função investigativa: amplia a possibilidade de os estudantes confrontarem a reflexão teórica com ocorrências reais, sem alterar o sentido geral da proposta do livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das atividades selecionadas dos volumes 1 e 2 da coleção Identidade – Língua Portuguesa evidencia que o tratamento da variação linguística não é homogêneo. No volume 1, uma proposta de análise de falas reais valoriza os contextos comunicativos, outra combina justificativas normativas e comparação de construções, e uma terceira privilegia a identificação de fenômenos fonético-fonológicos. No volume 2, a atividade examinada articula descrição de mudanças linguísticas e problematização do preconceito linguístico.

Esses resultados mostram que a metalinguagem pode desempenhar papel produtivo no ensino, desde que não constitua o ponto final da investigação. Quando os comandos se limitam à identificação de processos, torna-se pertinente ampliá-los com perguntas sobre os usos, as situações de circulação e as avaliações sociais das variantes. As propostas de reformulação apresentadas neste estudo exemplificam possibilidades de realizar essa

articulação, sem substituir o conhecimento gramatical por uma reflexão desancorada da materialidade linguística.

Em diálogo com a BNCC, conclui-se que o ensino da variação linguística ganha consistência quando reconhece a diversidade do português brasileiro e favorece a interpretação crítica das práticas de linguagem. Por se tratar de um recorte intencional, o estudo não permite generalizar a frequência das abordagens para toda a coleção; recomenda-se, em pesquisas posteriores, o mapeamento integral das atividades dos dois volumes e a observação de sua implementação em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, n. 9, p. 5-45, 1987.

GERALDI, João Wanderley (org.). O texto na sala de aula: leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias; CODENHOTO, Christiane Damien. Identidade Saraiva: língua portuguesa. Volumes 1 e 2. São Paulo: Saraiva, 2024.